

A ocupação Guarani no Vale do Taquari / RS: notas prévias sobre as pesquisas arqueológicas

Neli T. G. Machado¹, Patrícia Schneider², Jones Fiegenbaum³ e Marlon Welp⁴

Resumo

O objetivo principal do artigo é apresentar alguns dados sobre a pesquisa arqueológica de sítios horticultores guarani no Vale do Taquari/RS. A geomorfologia da região é rica em planícies de inundação e terraços fluviais, locais ideais para a existência de sítios de horticultores/ceramistas/guarani. Escolhemos para este estudo a várzea do rio Forqueta, um dos maiores afluentes do rio Taquari, pelo acesso facilitado e visibilidade arqueológica. Nos sítios encontrados nesta área, identificou-se algumas estruturas como áreas de captação de recursos, áreas de habitação e áreas de descarte (lixeiros). As evidências arqueológicas dos sítios em questão estão formadas por um conjunto de fragmentos composto de cerâmicas corrugadas, unguladas, pintadas, lisas, escovadas e evidências líticas como raspadores, núcleos bipolares, talhadores, lascas, machados polidos e restos faunísticos. Este trabalho encontra-se em fase inicial, porém, até o momento, as evidências têm mostrado bons indicadores de ocupação guarani permanente na região.

Palavras-chave: Ocupação; Guarani; Evidências.

Introdução

Este artigo visa apresentar alguns resultados das pesquisas arqueológicas realizadas no Vale do Taquari/RS sobre o povoamento da área pelo povo guarani. O trabalho está focalizado no levantamento de informações referentes aos sítios arqueológicos pré-coloniais desta região. Até o momento, através de prospecções e algumas sondagens mais aprofundadas⁵, identificou-se uma grande potencialidade quanto a esse tipo de pesquisa, evidenciada tanto pelos vestígios materiais (facilmente encontrados na superfície) quanto pelos relatos orais. Outros dados que corroboram esta afirmação são os provenientes das pesquisas realizadas anteriormente.

Na década de 70, alguns pesquisadores como Pedro Ignácio Schmitz e Pedro Mentz Ribeiro passaram pelo vale no intuito de localizar sítios de superfície e coletar material arqueológico para a comprovação da suposta ocupação da região por povos pretéritos, havendo, desde então, indícios deste fato.

Apresentaremos, a partir do enfoque sobre as características da ocupação guarani, uma descrição generalizada da geomorfologia do Vale do Taquari/RS, analisando-a como uma unidade geográfica geral. Abordaremos também a metodologia utilizada na pesquisa, assim como seus fundamentos teóricos: arqueologia da paisagem e o modelo locacional, seguindo-se uma breve descrição de alguns dos sítios arqueológicos levantados e sua localização. Ao término, nossas considerações finais sobre o trabalho.

Descrição do Vale do Taquari

Geomorfologia

O Vale do Taquari localiza-se no centro leste do estado do Rio Grande do Sul, estendendo-se entre o Planalto e a Depressão Central.

Seu relevo abrange a Escarpa ou Encosta do Planalto, Morros Testemunhos, Patamares e Terraços Fluviais. Encontra-se inserido na bacia sedimentar do Paraná, aflorando nesta região a formação Botucatu (Parte baixa) e Serra Geral (Parte alta). O vale abrange um total de 40 municípios, totalizando 5.761,50 Km² de área.

Hidrografia

Sua principal bacia hidrográfica é a do Rio Taquari que nasce com a denominação de Rio das Antas e, a partir da confluência com o Rio Carreiro, nas imediações de Bento Gonçalves/RS, passa a receber o nome referido. Desemboca ao sul, no Rio Jacuí (município de Triunfo/RS), e tem como principais afluentes os rios Taquari Mirim, Forqueta, Guaporé, Carreiro e o Arroio Castelhanos. O Rio Forqueta é seu maior afluente, desembocando em sua margem direita, no município de Arroio do Meio. Rempel descreve a bacia hidrográfica do Rio Forqueta da seguinte forma: “*encontra-se inserida entre as latitudes 29° 30' e 28° 49'S e as longitudes 52° 00' e 53° 45' W. Situa-se no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, abrangendo os municípios de Soledade, Passo Fundo, Marques de Souza, Arroio do Meio, Travesseiro e Lajeado e ocupando uma área de aproximadamente 2.800 Km².*”

Clima

Seu clima é subtropical úmido, com verões quentes (média de 23,2°) e invernos mitigados (média 12,7°).

Flora

A vegetação da região é caracterizada pela mata subtropical e mata de pinhais. Rambo descreve a formação biológica da região do Vale do Taquari como bastante singular, principalmente devido a sua localização intermediária entre o “Planalto das Araucárias” e

a “Depressão Central Gaúcha”, servindo, a Encosta do Planalto, como condutora gradativa da Mata Atlântica para a região central do estado.

Fauna

A fauna do vale tem espécies carnívoras como graxaim, mão-pelada e quati; quanto aos roedores, há espécies de murídeos como ratazanas, camundongos, ouriços-caixeiros e preás. Os mustelídeos mais comuns são o furão e a lontra e, entre os mamíferos, há a presença do veado-campeiro. As aves mais encontradas são: gavião, jacu, araquã, alma-de-gato, sabiá-laranjeira, urubu, coruja do campo, pica-pau do campo, anu-branco, urutau, tico-tico, bem-te-vi, joão-de-barro, perdiz, perdigão, quero-quero, seriema, etc. Os sáurios mais abundantes são os lagartos, lagartixas e cobras-de-vidro; entre os ofídios peçonhentos, os urutus e as cobras corais, e entre os ofídios inofensivos, as boipevas e jararacas do banhado. Ainda podemos citar tatus, lebres européias (imigradas das regiões do prata), morcegos, gambás e peixes, como lambari, piava, jundiá, muçum, traíra, etc.

Metodologia

Para o estudo do potencial arqueológico da região fazemos uso da Arqueologia da Paisagem. Através desta metodologia, associada às análises e leituras da geografia, geologia e geomorfologia - o fator geo -, identificamos os locais onde há maior probabilidade de existirem sítios arqueológicos.

Este modelo supõe a relação homem terra como fundamental para a localização dos assentamentos, analisando, através da verificação da evolução cronológica do sítio, os processos deposicionais e pós-deposicionais, e fazendo a relação entre a sistematização das atividades humanas e o processo de deposição dos objetos culturais.

Na relação intersítio (restringida a área do sítio em si) e intra-sítio (relacionada ao seu entorno) é que se observa a importância do fator geo na análise do sítio arqueológico. Procurar compreendê-lo sem verificar o meio em que está inserido é continuar somente quantificar os elementos materiais da ocupação.

É preciso entender o comportamento e as necessidades do homem e verificar em que medida determinada área supre estas exigências. Nesta relação, áreas que se enquadram em exigências mínimas, como água, matéria-prima, alimentos para coleta, caça, pesca, horticultura e boa localização de defesa, poderão possivelmente identificar a função do sítio como aldeias ou acampamentos. Na arqueologia espacial, esta função é determinante para a localização de um sítio, sendo geralmente suficiente para a sua possível identificação, pois cada variante possui características diferentes com necessidades diferentes.

Esta metodologia aplicada no projeto enquadra-se nos parâmetros do modelo locacional (modelo preditivo), aplicado por Moraes em 1999, no Vale do Paranapanema-SP e adaptada para o RS por Milder (2000). Estes parâmetros foram fixados com base em algumas situações de ordem universal, relativas aos padrões de estabelecimento e corroboradas por várias situações locais e regionais, reforçando, outrossim, um esquema preditivo a subsidiar o encaminhamento das etapas de reconhecimento geral e levantamento arqueológico.

Os sítios na paisagem

Através da perspectiva das arqueologias da paisagem, locacional e espacial, vamos apresentar três sítios arqueológicos do Vale do Taquari, identificando em cada um a geografia onde está inserido.

Sítio RST 107 - Adanásio Fucks -Lajeado/RS.

Zona:22J E:0400780 N:6746498

O sítio RST 107 Lajeado/RS encontra-se em um terraço fluvial, tendo como delimitações a BR 386 a norte, e a Olaria Scherer⁶ a oeste, o Rio Forquetinha a leste e o Rio Forqueta a sul. A planície de inundação abrange uma área de aproximadamente 270.000 m².

A uma distância de 10 a 20 metros, na margem oposta do rio, encontramos uma cascalheira com grande presença de basalto e calcedônia e que poderia ter sido usada como fonte de matéria-prima para a fabricação dos materiais líticos. O solo do sítio pode ser caracterizado como areno-argiloso e, provavelmente foi utilizado como matéria-prima para a fabricação das vasilhas cerâmicas.

A flora do local encontra-se muito modificada, pois a área é atualmente propriedade de agricultores, sendo utilizada para plantio de milho e soja. O talude do rio sofre erosões constantes com chuvas e enchentes por estar praticamente descoberto de vegetação nativa (mata ciliar), o que provavelmente distanciou as margens ao longo do tempo. A BR 386 está a 500 m do terraço fluvial e a cerca de 12 metros acima do nível do mesmo. Junto ao terraço fluvial do Rio Forquetinha, através de um escalonamento de 5m x 10m, verificamos também a estratigrafia, que nesta área apresenta uma primeira camada superficial com vegetação, uma segunda camada com solo areno argiloso e pouco material, e uma terceira camada de solo arenoso com presença de evidências arqueológicas (somente encontradas nas manchas escuras)⁷. A forma como estas camadas do solo se apresentam, assim como também as lentes de mancha escura espalhadas nos sedimentos, demonstram um deslizamento constante de sedimentos no local.

O material coletado nesse sítio está formado por um conjunto de fragmentos cerâmicos que apresentaram decorações corrugadas, unguladas, lisas e lisas-pintadas; em alguns casos, aparecem duas formas de decoração em um mesmo fragmento. Em sua forma de produção, identificou-se o acordelado como técnica predominante.

Em uma área, que, numa primeira hipótese consideramos como sendo de descarte/lixeira, coletou-se fragmentos que em laboratório foram reconstituídos, obtendo-se um recipiente de 23 cm de diâmetro e, aproximadamente, 20 cm de profundidade.

Quanto ao material lítico, não foi possível identificar nenhum artefato, porém a quantidade de lascas bipolares com marcas de utilização é dominante e significativa. Nas poucas evidências encontradas, as matérias-primas utilizadas são o basalto e a calcedônia.

Sítio RST 101 - Tamanduá - Marques de Souza/RS.

Zona:22J E:38759 N:67631

O sítio RST 101 Tamanduá-Marques de Souza/RS encontra-se numa planície de inundação à margem do Rio Forqueta, com aproximadamente 15.000 m² de área.

Como marcos delimitadores deste sítio, podemos citar, a leste, a ponte sobre o Arroio Tamanduá⁸ (BR 386), a norte, o Posto de Pedágio de Marques de Souza e, a sul, o encontro das águas do Arroio Tamanduá e do Rio Forqueta. Tanto a norte quanto a sul do sítio, pode-se avistar morros com vegetação preservada. As margens do Arroio e do Rio possuem mata ciliar, porém não extensa, não impedindo a erosão causada pelas enchentes.

Na margem oposta do rio, encontra-se uma cascalheira, composta, em sua maioria, de núcleos de arenito e calcedônia que teria sido usada para obtenção de matéria-prima para a fabricação de objetos líticos. A estratigrafia⁹ neste local mostrou uma primeira camada de solo com muita matéria orgânica proveniente da vegetação atual e que apresentava evidências arqueológicas que também foram encontradas na segunda camada, definida como areno-argilosa, onde havia presença de carvão e restos faunísticos. Grande quantidade de material, tanto cerâmico quanto lítico, foi encontrada na superfície onde hoje é a área de plantação.

No material coletado nesse sítio, identificou-se as seguintes formas de decoração: corrugada, ungulada, lisa e lisa-pintada, encontrando-

se, com certa frequência, duas formas de decoração em um mesmo fragmento. A forma de confecção empregada nos materiais cerâmicos é o acordelado.

Quanto às evidências líticas, identificamos alguns materiais, como dois percutores. Em sua maioria, as evidências são núcleos e lascas de arenito e calcedônia.

Neste sítio encontramos restos faunísticos que necessitam de uma identificação para averiguar se se tratam de mamíferos, aves ou peixes. Estes restos encontravam-se associados ao material cerâmico inserido na lente estratigráfica, com grande concentração de material orgânico.

Sítio RST 110 - Tamanduá 2- Marques de Souza/RS.
Zona: 22J E:0388075 N:6765462

O sítio RST 110 Tamanduá 2 encontra-se numa planície de inundação, com área aproximada de 160.000m², à margem do Rio Forqueta.

Situado numa área de camping logo após o Posto de Pedágio de Marques de Souza, tem como delimitações: a sudeste, a BR 386 (dá acesso ao sítio); a norte, a área atualmente utilizada como camping (Camping Das Pedras); a noroeste, o Rio Forqueta; e na direção sudoeste, uma grande área de plantação onde são cultivados milho e soja.

Na margem oposta do rio em relação ao sítio, há um morro de acentuado declive, com a mata bastante preservada e que ainda não sofreu intervenção agrícola. Porém, na margem onde se situa o sítio só há mata ciliar na barranca, estando esta em um constante processo de desmatamento.

Nesta mesma margem encontra-se uma cascalheira com grande quantidade de basalto (seixos rolados) e calcedônia, de onde, provavelmente, era retirado material para fabricação de objetos líticos. A estratigrafia apresentou somente uma única camada de solo areno-argiloso, bastante compactado.

O acesso secundário, que vem desde a BR 386, ao se aproximar da margem, atravessa uma pequena elevação causando um corte e tornando possível verificar em suas laterais uma camada de mancha escura que se estende por mais de quatro metros. Nesta camada, encontra-se uma grande quantidade de material cerâmico e, em menor proporção, material lítico. Foram realizadas algumas intervenções no local com a intenção de visualizar melhor a estratigrafia e coletar material para uma análise mais aprofundada em laboratório.

Segundo o relato do proprietário, a mancha escura estende-se por toda a área do camping destinada ao lazer, e a área onde se encontram as casas para veraneio estaria exatamente em cima da maior concentração desta mancha. Foram realizadas ainda algumas coletas superficiais no intuito de analisarmos melhor a matéria-prima recolhida.

As evidências cerâmicas desse sítio compõem um conjunto de fragmentos que também apresentam as decorações corrugada, unglada, lisa e lisa-pintada, sendo também encontradas duas formas de decoração em um mesmo fragmento. Para produção desses recipientes, identificou-se o acordelado.

Já nas evidências líticas não foi possível identificar nenhum artefato. Nas poucas peças encontradas, as matérias-primas utilizadas são o basalto e a calcedônia, sendo o conjunto composto por núcleos e lascas. Na superfície, a quantidade de evidências cerâmicas e líticas é significativa (área de plantio).

Os sítios e a relação com a paisagem: hipóteses e interpretações.

A metodologia da Arqueologia da Paisagem encaixa-se perfeitamente com os objetivos que o projeto pretende atingir, como a comprovação, identificação e caracterização da existência de povos pretéritos na região.

Buscamos interpretar os sítios inseridos em sua paisagem e no contexto histórico. Observando-se geomorfologicamente uma determinada área, é possível identificar, sem necessidade de uma

intervenção mais aprofundada, o potencial arqueológico do local. Com este trabalho, conseguimos constatar que os sítios abordados, por encontrarem-se em uma área geográfica similar, apresentam praticamente as mesmas características de captação de recursos. Em todos, podemos observar uma extensa planície de plantio (terraço fluvial) para subsistência, cascalheiras a não mais de 100m de distância, local para coleta de argila e, reconstituindo a paisagem do período de ocupação. Também se torna possível averiguar a quantidade de recursos naturais, flora e fauna, que serviriam para o sustento dos grupos. Com o material coletado e a análise da paisagem, baseando-se no modelo preditivo, identificamos, no decorrer das várzeas do Rio Forqueta (cerca de 18 km), estes sítios como sendo de horticultores/ceramistas/guarani.

Até o momento, consideramos estes sítios arqueológicos como excelentes referenciais para a identificação de ocupação de horticultores guaranis na região. O elemento mais significativo é a grande quantidade de evidências cerâmicas. Para nosso estudo, tentamos identificar o objeto e não o fragmento. Felizmente, nestes sítios a reconstituição tem facilitado bastante a averiguação das vasilhas cerâmicas, sendo a maior quantidade representada nos grandes cambuchis e yapepós.

Conclusão

Todos estes sítios sofreram algum tipo de intervenção, seja esta de registro, georeferenciamento, coletas superficiais, prospecção ou ainda sondagens estratigráficas, visando à identificação do potencial arqueológico e também à delimitação de uma área para escavações mais aprofundadas.

As evidências encontradas estão, muitas vezes, dispersas em grandes extensões do terreno, podendo este fato ser associado à intensa atividade agrícola exercida no local há mais de 30 anos. Há a hipótese de o sítio ser definido como aldeia, a qual comportaria um considerável número de indivíduos e, conseqüentemente, ocuparia uma área maior.

Os recursos naturais (flora, fauna, afloramentos, hidrografia) que a região apresenta favorecem a ocupação de grupos horticultores, ceramistas e caçadores-coletores, e os vestígios encontrados podem ser associados a estes povos. A grande quantidade de alimentos facilita a estabilidade, o aumento do número de indivíduos e a concentração do grupo em espaços menores do território global. Todos esses fatores só vêm a reforçar a idéia de estes sítios terem sido aldeias, pois a grande quantidade de recursos viabiliza a permanência do grupo por um período maior de tempo, em um determinado local.

A pesquisa realizada, apesar dos três anos de estudo, encontra-se ainda em fase inicial. No entanto, vem preenchendo uma grande lacuna no que se refere à pré-história do Vale do Taquari/RS/Brasil, como também à ocupação do Rio Grande do Sul.

Notas

¹Arqueóloga e professora do Centro Universitário/Univates de Lajeado, coordenadora do Setor de Arqueologia do Museu de Ciências Naturais, nelitgm@terra.com.br

²Graduanda em História na Univates de Lajeado e Bolsista de Iniciação Científica/Propex, pcissas@fates.tche.br

³Graduando em História na Univates de Lajeado e Bolsista de Iniciação Científica/Fapergs jones@fates.tche.br

⁴Graduando em História na Univates de Lajeado e Bolsista de Iniciação Científica/Propex marlonwelp@arroionet.com.br

⁵As primeiras atividades realizadas em uma área com potencial arqueológico são as caminhadas de reconhecimento e análise da paisagem. Em um segundo momento identifica-se o potencial arqueológico através de tradagens, como também poços testes e escalonamentos, para verificação da estratigrafia, sendo possível perceber a presença de material cerâmico e lítico sempre associado a uma concentração de matéria orgânica (mancha preta).

⁶A olaria está em pleno funcionamento, o que nos preocupa muito, pois a preservação do entorno do sítio está sendo prejudicada. Porém, tentamos exaustivamente convencer o proprietário a, antes de qualquer retirada de solo para olaria, nos comunicar.

⁷Consideramos como manchas escuras o solo antropogênico, ou seja, o sedimento proveniente de alguma atividade humana. Neste sítio as manchas são compostas por fragmentos de cerâmica, lítico e restos faunísticos.

⁸O Arroio Tamanduá é um afluente da margem direita do Rio Forqueta.

⁹Realizamos um escalonamento na barranca do rio de 10m x 4 m.

Referências

ADANEZ PAVON, J. **Nuevas generaciones de analisis espacial y Arqueologia contextual: una critica.** In: Arqueología Espacial:

Colóqui sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. 27 al 29 de septiembre. Teruel, 1984.

BLANCH ESPUNT, R. y MAYORAL FRANCO, F. **Valoración de los elementos arqueológicos en la distribución espacial.** In: Arqueología Espacial: Colóquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. 27 al 29 de septiembre. Teruel, 1984.

HODDER, Ian. **New generations of spacial analysis in archaeology.** In: Arqueología Espacial: Colóqui sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. 27 al 29 de septiembre. Teruel, 1984.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva. **Guaíba no contexto histórico - arqueológico do Rio Grande do Sul.** Guaíba: Ed. do autor, 2002.

BRASIL, SUL. Levantamento de Recursos Naturais. Porto Alegre, Área da Folha SH. 22. IBGE. II. Série. V 33. 1986.

MILDER, Saul S. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica.** 2000. Tese (Doutorado em...) São Paulo: USP/MAE, 2000.

MORAIS, José Luis. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista.** 1999. Tese (Doutorado em Livre-Docência). USP/MAE, 1999.

KERN, Arno. Os Guaranis: Horticultores da Floresta Subtropical. IN: _____. **Antecedentes Indígenas.** 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS., 1998.

RAMBO, Baldíno. **A fisionomia do Rio Grande do Sul.** 3.ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos.1994.

REMPEL, Claudete. **Aplicação do sensoriamento remoto para determinação da evolução da mata nativa da bacia hidrográfica do Rio Forqueta - RS entre 1985 e 1995**. Porto Alegre UFRGS. 2000. Dissertação.

SCATAMACCHIA, Maria C. M. (coord.) et al. **Análise de captação de recursos da área do sítio Mineração, Iguape, SP**. In: Rev. do MAE , 1:55-69. São Paulo, 1991.

SCHMITZ, Pedro Inácio. **Migrantes da Amazonia: A Tradição Tupiguarani**. In: KERN, Arno (org) et. al. Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p.296-300.

Abstract

The main objective of this article is to present some data about the archeological research on Guarani horticulture sites in Vale do Taquari/RS. The geomorphology of the region presents many flood plains and fluvial terraces, places that, according to the bibliography on this subject, would be considered ideal for the existence of horticulture sites/ pottery/ Guarani. We choose for this study the Forqueta River meadow, one of the biggest Taquari River affluents, because of the easy access and archeological visibility. In the sites found in this area, we identified some structures as areas of resource captivation as well as habitation and garbage areas. The archeological evidence of these sites is formed by a collection of fragments consisting of several kinds of wrinkled, unglute, painted, smooth, brushed and lithic evidence such as scraping, bipolar nucleus, carving, chip, polished ax and fauna residue. This work is still in its initial stage; however, so far the evidence has shown good indicators of permanent Guarani occupation in the region.

Keywords: Ocuption; Guarani; evidence.